

Profile analysis of the dental surgeon who treats patients with special needs

| Análise do perfil do profissional cirurgião-dentista que atende pacientes com necessidades especiais

ABSTRACT | Introduction: *Over the past few years, there has been a significant increase in the survival of individuals with disabilities, as a consequence, their search for dental care has become a reality. It is necessary that dental surgeons are able to conduct their activities with the efficiency demanded by this social reality. Objective:* *To characterize the profile, capacity, care provided and the opinion of dental surgeons from Sergipe in relation to Dentistry for Patients with Special Needs (OPNE). Methods:* *A descriptive exploratory study, cross-sectional, quantitative approach, using a self-applied questionnaire for collection of data, which was sent to all 1492 dental surgeons of Sergipe. The data was registered relative to the profile, capacity, care provided and the opinion of dental surgeons in relation to OPNE. Results:* *Of the professionals participating, 74,4% were female; 29,9% were between 31-40 years of age; 84,6% were public institutions; 34,6% had more than 20 years since graduation; 46,6% had professional activities in both public and private service; 68,8% had post-graduation. Only 32,5% had received training in OPNE during undergraduate studies. From those who hadn't, 88,0% would like to have received training and of those who had received training, 95,5% considered that there was insufficient learning. Almost all dental surgeons, 91,5%, are favorable to inclusion of discipline OPNE in the graduate course. 90,6% reported to have attended such patients, and 85,4% found difficulties. Conclusion:* *The dental surgeons who answered the questionnaires reported that they need more training in the area Dentistry for Patients with Special Needs.*

Keywords | *Dental Care; Community Dentistry; Education continuing.*

RESUMO | Introdução: Nos últimos anos tem ocorrido significativo aumento na sobrevida dos portadores de deficiência; conseqüentemente, a procura desses por atendimento odontológico torna-se uma realidade. É necessário que os cirurgiões-dentistas estejam aptos a exercerem suas atividades com a eficiência exigida pela realidade social. **Objetivo:** Caracterizar o perfil, capacitação, atendimentos realizados e opinião dos cirurgiões-dentistas do estado de Sergipe em relação à Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais (OPNE). **Métodos:** Estudo do tipo exploratório descritivo, delineamento transversal, abordagem quantitativa, utilizando-se para coleta de dados questionário autoaplicável, enviado a todos os 1.492 cirurgiões-dentistas de Sergipe. Foram registrados dados relativos ao perfil, capacitação, atendimentos realizados e opinião dos cirurgiões-dentistas em relação à OPNE. **Resultados:** Dos profissionais participantes da pesquisa, 74,4% eram do sexo feminino; 29,9% estavam entre 31-40 anos; 84,6% provenientes de instituição pública; 34,6% tinham mais de 20 anos de formação; 46,6% exerciam suas atividades profissionais simultaneamente, em serviço público e privado; 68,8% tinham curso de pós-graduação. Apenas 32,5% receberam capacitação em OPNE na graduação. Dos que não receberam, 88,0% gostariam de ter recebido, e daqueles que receberam capacitação, 95,5% consideraram que o aprendizado não foi suficiente. A quase totalidade dos cirurgiões-dentistas, 91,5%, é favorável à inclusão da disciplina OPNE na grade curricular do curso de graduação em Odontologia. 90,6% referiram já ter atendido esses pacientes, e 85,4% encontraram dificuldades. **Conclusão:** Os cirurgiões-dentistas respondentes referiram haver maior necessidade de formação na área relativa à Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais.

Palavras-chave | Assistência Odontológica; Odontologia Comunitária; Educação Continuada.

¹Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE, Brasil.

²Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo/SP, Brasil.

INTRODUÇÃO |

Há séculos a sociedade encontra dificuldades em lidar com indivíduos com necessidades especiais por esses apresentarem problemas físicos, mentais, sociais, sensoriais, neurológicos e emocionais. Essas dificuldades são fruto do legado histórico e da falta de informação, gerando preconceito e despreparo da sociedade para atendê-los¹. Tais “condições especiais” podem ser desafiadoras à equipe odontológica, que necessita estar atenta às situações e limitações inerentes a esses indivíduos².

O Brasil foi o primeiro país do mundo, em 2001, a reconhecer a Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais (OPNE) como especialidade, devido ao aumento da população com deficiências e, conseqüentemente, das suas necessidades odontológicas³. Dessa forma, a OPNE torna-se um problema de caráter social, exigindo mudanças nas estratégias educativas e políticas que favoreçam tanto a saúde pública quanto o exercício profissional⁴. Apesar das diretrizes e mobilizações, os Pacientes com Necessidades Especiais (PNEs) ainda vêm enfrentando uma série de dificuldades e barreiras, como a falta de profissionais com formação para o atendimento de suas necessidades⁵.

Na maior parte do tempo, o ensino odontológico dá ênfase ao paciente “normal” e não prepara o aluno para o desafio de atender a pessoa com deficiência⁶. Ainda são poucos os cursos de Odontologia que proporcionam ao aluno o preparo adequado para o atendimento de PNEs⁴, apesar da importância e necessidade de práticas clínicas motivadoras durante o curso de graduação, permitindo assim que os profissionais avaliem melhor as necessidades dessa população e prestem assistência a esses pacientes com mais equidade⁷.

Buscando melhorar a formação do cirurgião-dentista (CD), é imprescindível a implementação de programas específicos entre os estudantes de Odontologia que incluam o treino, experiência e familiarização com PNEs, tornando-se essencial para eliminação de muitas barreiras que impedem o acesso deles aos cuidados odontológicos adequados⁸.

Diante dessas considerações e dos resultados dos trabalhos realizados, os quais apontam que a baixa oferta de CDs para atender pacientes com necessidades especiais pode estar relacionada à formação acadêmica que os profissionais adquirem⁹, refletida na precária condição de saúde bucal desses indivíduos¹⁰, o presente estudo tem

por objetivo caracterizar o perfil, a capacitação, os atendimentos realizados e a opinião dos CDs do estado de Sergipe em relação à OPNE.

MÉTODOS |

Antes da coleta dos dados, este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Cruzeiro do Sul sob nº 065/2010. Utilizaram-se como critérios de inclusão todos os CDs com inscrição ativa no Conselho Regional de Odontologia de Sergipe (CROSE), que possuíam qualquer tempo de formado e que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e devolvendo os envelopes selados contendo os documentos da pesquisa.

O estudo realizado foi do tipo exploratório descritivo, com delineamento transversal e abordagem quantitativa. Inicialmente foi enviado um ofício ao Presidente do CROSE, explicando os objetivos da pesquisa e solicitando a listagem de CDs com inscrição ativa no estado, com seus respectivos endereços para correspondência.

Para a realização da coleta de dados optou-se pela aplicação de um questionário, criado pela própria pesquisadora, estruturado e autoaplicável, a fim de caracterizar o perfil profissional (sexo, idade, tipo de instituição, tempo de formado, local de atuação, exercício profissional), capacitação, atendimento realizado a PNEs e opinião sobre a inclusão da OPNE na grade curricular de ensino em Odontologia.

Estudo piloto

Com intuito de obter informações referentes às medidas de reprodutibilidade do questionário elaborado, realizou-se um estudo piloto em janeiro de 2011 com 30 cirurgiões-dentistas que participavam de curso de especialização em Endodontia e Prótese na Associação Brasileira de Odontologia de Sergipe (ABO-SE). Os questionários foram respondidos pelos cirurgiões-dentistas em dois momentos diferentes, com intervalo de sete dias entre as aplicações. O valor de Kappa obtido foi de 0,82. Embora os respondentes estivessem inscritos no CROSE, esses foram excluídos da amostra final que receberam o questionário.

Foram enviados aos 1.492 CDs uma carta de apresentação, o questionário da pesquisa e o TCLE.

As respostas foram compiladas e inseridas em uma planilha eletrônica própria, criada para essa finalidade, utilizando o aplicativo Microsoft Office Excel versão 2007 para tabulação dos dados. Os dados descritivos foram analisados por distribuição de frequências absoluta (n) e relativa (%), e o teste do Qui-quadrado foi empregado para comparar os dados nominais no programa Statistical Package for the Social Science – SPSS for Windows (versão 18.0), com nível de significância estabelecido em 5%.

RESULTADOS

A amostra constituiu-se dos CDs que responderam ao questionário. Dos 1.492 questionários enviados, 234 foram válidos, representando uma taxa de resposta de 15,7%. Quanto à caracterização do perfil profissional dos CDs do

estado de Sergipe respondentes, observou-se que a amostra foi predominantemente feminina (n=174; 74,4%); faixa etária predominante entre 31-40 anos (n=70; 29,9%); e a grande maioria graduou-se em instituições públicas (n=198; 84,6%), tendo mais de 20 anos de formado (n=81; 34,6%), sendo que 109 CDs (46,6%) exerciam suas atividades profissionais simultaneamente em serviço público e privado. Com relação a sua atuação, a maioria dos CDs (n=162; 69,2%) informou ser generalista. Na Tabela 1 encontram-se os dados relativos à distribuição dos cirurgiões-dentistas segundo o sexo. Observaram-se porcentagens significativamente maiores de mulheres respondentes na faixa etária de 41 a 50 (p=0,023), e que atuam em serviço público (p=0,020).

A maior parte dos participantes da pesquisa (n=161; 68,8%) possuía curso de pós-graduação, sendo a Ortodontia a especialidade de maior atuação referida pelos especialistas (n=28; 17,6%); apenas dois profissionais (1,3%) mencionaram possuir especialização em OPNE. Outro dado importante extraído da pesquisa diz respeito à capacitação dos CDs em OPNE na graduação, em que 32,5% (n=76)

Tabela 1 – Distribuição dos cirurgiões-dentistas respondentes do estado de Sergipe segundo o sexo. Sergipe, Brasil, 2010

Variáveis	Sexo masculino		Sexo feminino		p-valor*
	n (60)	%(25,6)	n (174)	%(74,4)	
Idade (anos)					
Entre 20 e 30	14	23,3	38	21,8	0,023
Entre 31 a 40	19	31,9	51	29,3	
Entre 41 e 50	10	16,8	58	33,3	
Entre 51 e 60	14	23,3	26	14,9	
Mais de 60	3	5,0	1	0,7	
Instituição ensino superior					
Privada	13	21,7	23	13,2	0,174
Pública	47	78,3	151	86,8	
Tempo de formado (anos)					
Menos de 5	13	21,7	30	17,2	0,615
Entre 5 e 10	11	18,3	26	14,9	
Entre 10 e 20	15	25,0	58	33,3	
Mais de 20	21	35,0	60	34,6	
Serviço atuação profissional					
Público	04	6,7	40	23,0	0,020
Privado	24	40,0	57	32,8	
Público e privado	32	53,3	77	44,2	
Atuação no exercício profissional					
Generalista	38	63,3	124	71,3	0,324
Especialista	22	36,7	50	28,7	

*Teste de Qui-quadrado

afirmaram haver recebido. Desses, 56,6% (n=43) relataram que essa capacitação se deu em outras disciplinas da graduação, sendo a Odontopediatria a mais citada, com 53,5% (n=23). Todavia, quando questionados sobre a eficácia do aprendizado adquirido, observou-se um percentual expressivo dos CDs (n=148; 95,5%) referirem que o mesmo não foi suficiente para ter segurança no atendimento a PNEs. Dos que não receberam capacitação em OPNE na graduação, quando questionados sobre interesse em tê-la recebido no respectivo período, a maioria dos CDs (n=139; 88,0%) respondeu afirmativamente. Com relação ao interesse nos cursos em OPNE após a graduação, observou-se que quase metade dos participantes (n=114; 48,7%) respondeu positivamente, sendo sob a forma teórica a mais prevalente (n=91; 79,8%). Na tentativa de conhecer a opinião dos CDs em relação ao período que seria mais apropriado ao ensino da OPNE, os resultados mostraram que mais da metade dos profissionais questionados (n=135; 57,7%) consideraram a graduação, o aperfeiçoamento e especialização, ou seja, sob a forma de educação continuada.

Evidenciou-se que um percentual significativo dos CDs (n=214; 91,5%) é favorável à inclusão da disciplina “Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais” no curso de graduação. Quanto ao atendimento odontológico a PNEs, a “insegurança devido à falta de preparo profissional” foi a maior dificuldade registrada, com 98,3% (n=230). Dos entrevistados, 90,6% (n=212) responderam já ter atendido a PNEs, sendo 85,4% (n=181) com dificuldades.

DISCUSSÃO |

A amostra final dos CDs respondentes desta pesquisa foi equivalente a 15,7%, n=234. Embora considerada alta a taxa de perda deste estudo (84,3%), o que constitui uma limitação na representação dos CDs de Sergipe, está em conformidade com estudos que utilizaram metodologias semelhantes^{11,12}, tendo as baixas taxas de devolução e o viés do não respondente como desvantagem desse tipo de abordagem¹³.

A Odontologia vem se tornando uma profissão exercida em sua maioria pelo sexo feminino, fato confirmado em pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Odontologia sobre o perfil dos CDs inscritos neste órgão, bem como no CROSE¹⁴. Acredita-se que um dos fatores responsáveis pela tendência à feminização da Odontologia no Brasil seja a mudança na situação econômica que vem ocorrendo nas últimas décadas, sendo o trabalho femi-

nino requerido na incrementação financeira da família¹⁵. Com relação à faixa etária predominaram participantes que se encontravam entre 31 e 40 anos, concordante com Oredugba e Sanu (16) em estudo com dentistas nigerianos sobre tratamento de crianças com necessidades especiais.

Quanto à formação, a maioria dos profissionais graduou-se em instituições públicas, divergindo da pesquisa realizada com amostra nacional, segundo a qual grande parte dos profissionais entrevistados no Brasil era proveniente de instituições privadas¹⁴. Deve-se levar em consideração que existem apenas dois cursos de graduação em Odontologia no estado de Sergipe, sendo um público e outro privado, com início de suas atividades há 45 e 15 anos, respectivamente. Na variável tempo de formado, o período com “mais de 20 anos” correspondeu ao maior percentual de respostas, resultados concordantes com Loeppky e Sigal¹⁷.

É clara a tendência da permanência do CD tanto no serviço público quanto no privado e não apenas em um deles, diretamente vinculada à autonomia financeira¹⁸, concordante com os resultados deste estudo. A maioria dos entrevistados era generalista, entendendo-se que essa formação prepara um “profissional tecnicamente competente, com sensibilidade social, capaz de prestar atenção integral mais humanizada, trabalhar em equipe e compreender melhor a realidade em que vive a maior parte da população brasileira”¹⁹.

A necessidade de curso de pós-graduação está, muitas vezes, vinculada à deficiência no processo de formação, o que instiga a necessidade de aperfeiçoamento técnico-científico para enfrentar a competitividade do mercado de trabalho²⁰. No presente estudo essa citação veio a se confirmar quando se verificou que 68,8% dos CDs afirmaram ter cursado pós-graduação. O reduzido número de especialistas em OPNE de Sergipe (n=2) reflete pouco interesse pela especialidade, por essa se incluir nas especialidades mais recentes da Odontologia, indicando uma novidade na prática odontológica.

Outro dado importante extraído da pesquisa diz respeito à capacitação dos CDs em OPNE na graduação, em que pouco menos da metade respondeu afirmativamente, corroborando com os achados da literatura²¹. Os que não tiveram essa oportunidade na graduação demonstraram interesse, reforçando lacuna na capacitação em OPNE, na graduação, que poderá influenciar negativamente nas práticas odontológicas futuras, pois apenas o profissional que tem a oportunidade de vivenciar, enquanto graduan-

do, experiências com PNEs, se mostrará mais seguro e disposto a atender essa faixa da população²².

A disciplina de Odontopediatria foi a mais citada como forma de capacitação na graduação, em concordância com autores²³, que referem ser principalmente essa a disciplina cujos profissionais têm maior propensão para trabalhar com PNEs. A capacitação sob a forma teórica foi a mais prevalente, em que se especula que esses resultados poderão ser atribuídos aos frequentes cursos teóricos de capacitação odontológica em OPNE, disponibilizados pelas Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde, uma vez que esse atendimento, a partir da Política Nacional de Saúde Bucal, vem sendo disponibilizado na rede de serviços do Sistema Único de Saúde²⁴.

Todavia, quando questionados sobre a eficácia do aprendizado adquirido, observou-se um percentual expressivo dos CDs referirem que o mesmo não foi suficiente para ter segurança no atendimento a esses indivíduos. Esses resultados corroboram com os achados da literatura²⁵, sugerindo a necessidade de incluir no currículo, tanto da graduação quanto da pós-graduação, não apenas bases teóricas, mas também aplicações práticas, garantindo consciência, sensibilidade e melhor aprendizado direcionado a essa população.

Na tentativa de conhecer a opinião dos CDs em relação ao período que seria mais apropriado ao ensino da OPNE, os resultados deste estudo condizem com os da literatura⁷, ao acreditarem que tanto a graduação quanto a pós-graduação devem desenvolver um forte programa de educação para capacitar mais provedores que ofereçam amplo tratamento aos PNEs, caracterizando a importância da educação continuada.

No presente estudo evidenciou-se que um percentual significativo dos CDs é favorável à inclusão da disciplina “Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais” no curso de graduação, quando muitos CDs expressam o sentimento de que ficam em posição desconfortável na presença de PNEs e acreditam que isso poderia ser resolvido se tivessem tido orientações no respectivo período²⁶.

O alto percentual de respostas positivas atribuídas pelos profissionais quanto ao atendimento de PNEs pode sugerir um novo viés à pesquisa, uma vez que a incapacidade de coletar dados de 84,3% dos dentistas entrevistados representa uma grande limitação, levando-se em consideração que os resultados da pesquisa são baseados apenas naqueles que responderam e podem ser tendenciosos em favor dos dentistas que optam por tratar PNEs.

Além disso, os entrevistados podem ter exagerado no seu envolvimento com PNEs, preocupados com a imagem profissional revelada e a possibilidade de serem alvos de avaliação crítica ao final do estudo. Sugere-se que pesquisas futuras quantifiquem de alguma forma o número de atendimentos a PNEs e não somente respostas do tipo dicotômica. Não é necessário ser um especialista para desempenhar atenção odontológica aos PNEs, desde que o profissional conheça o público trabalhado¹⁶.

Quanto às dificuldades encontradas pelos CDs em atender pacientes com limitações, a maioria dos inquiridos referiu dificuldades no manejo odontológico, semelhante aos descritos na literatura²¹, mostrando que apenas um em cada quatro profissionais não relataram obstáculos no atendimento a esses pacientes, reforçando a dificuldade encontrada pelos CDs em atender pacientes com limitações.

Verificando os dados deste trabalho, 98,3% da amostra consideram a “insegurança devido à falta de preparo profissional” como principal dificuldade para prover cuidados odontológicos aos PNEs, estando em conformidade com a literatura²⁷, que confirma a pouca confiança do profissional em lidar com PNEs, resultado do despreparo na formação em OPNE.

CONCLUSÃO |

Dos CDs respondentes desta pesquisa, houve predomínio do sexo feminino, na faixa etária de 31-40 anos, provenientes de instituição pública, formados há mais de 20 anos, com atuação profissional na área pública e privada, sendo a maioria generalista. Destes, a maioria não recebeu capacitação em OPNE no curso de graduação, contudo sinalizaram interesse em tê-la recebido no respectivo período. Quase a totalidade dos respondentes foi a favor da inclusão da disciplina Odontologia para Paciente com Necessidades Especiais na grade curricular de graduação em Odontologia, referindo dificuldade e insegurança no atendimento por falta de preparo técnico profissional.

REFERÊNCIAS |

1 - Carvalho ML, Silva FM, Barbosa FQ, Duarte FB, Barbosa KB, Figueiredo V, et al. Deficiente? Quem? Cirur-

- giões-dentistas ou pacientes com necessidades especiais? Extensão. 2004; 4(1):65-71.
- 2 - Weddell JA, Sanders BJ, Jones JE. Problemas odontológicos em crianças com necessidades especiais. In: Dean JA, McDonald RE, Avery DR. Odontopediatria para crianças e adolescentes. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2011. p. 456-82.
- 3 - Mugayar L, Hebling E, Dias PV. Special care dentistry: a new specialty in Brazil. *Spec Care Dentist*. 2007; 27(6):232-5.
- 4 - Fenton SJ, Hood H, Holder M, May PB Jr, Mouradian WE. The American Academy of developmental medicine and dentistry: eliminating health disparities for individuals with mental retardation and other developmental disabilities. *J Dent Educ*. 2003; 67(12):1337-44.
- 5 - Dougherty N, MacRae R. Providing dental care to patients with developmental disabilities. An introduction for the private practitioner. *NY State Dent J*. 2006; 72(2):29-32.
- 6 - Campos VF. A qualificação profissional necessária ao atendimento odontológico para indivíduos com necessidades especiais [dissertação]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina; 2008.
- 7 - Shenkin JD, Davis MJ, Corbin SB. The oral health of special needs children: dentistry's challenge to provide care. *ASDC J Dent Child*. 2001; 68(3):201-5.
- 8 - Pezzementi ML, Fisher MA. Oral health status of people with intellectual disabilities in the southeastern United States. *J Am Dent Assoc*. 2005; 136(7):903-12.
- 9 - Prabhu NT, Nunn JH, Evans DJ, Girdler NM. Access to dental care-parents' and caregivers' views on dental treatment services for people with disabilities. *Spec Care Dentist*. 2010; 30(2):35-45.
- 10 - Haas NAT, Mayrink S, Alves MU. Prevalência de cárie dentária em pacientes portadores de transtornos mentais, Blumenau, SC, Brasil. *Pesq Bras Odontoped Clin Integr*. 2008; 8(1):57-61.
- 11 - Moana Filho EJ. Levantamento das atividades e crenças dos ortodontistas com relação à disfunção temporomandibular e dor orofacial. *Rev Dent Press Ortodon Ortop Facial*. 2005; 10(4):60-75.
- 12 - Pissete AP, Feres MAL. II Estudo sobre a prática ortodôntica no Brasil: 1995. *Ortodontia*. 1997; 30(3):7-15.
- 13 - Hovland EJ, Romberg E, Moreland EF. Nonresponse bias to mail survey questionnaires within a professional population. *J Dent Educ*. 1980; 44(5):270-4.
- 14 - Morita MC, Haddad AE, Araujo ME. Perfil atual e tendências do cirurgião-dentista brasileiro. Maringá: Dental Press; 2010.
- 15 - Costa SM, Durães SJA, Abreu MHNH. Feminização do curso de odontologia da Universidade Estadual de Montes Claros. *Ciênc Saúde Colet*. 2010; 15(supl.1):1865-73.
- 16 - Oredugba FA, Sanu OO. Knowledge and behavior of Nigerian dentists concerning the treatment of children with special needs. *BMC Oral Health*. 2006; 6:9.
- 17 - Loepky WP, Sigal MJ. Patients with special health care needs in general and pediatric dental practices in Ontario. *J Can Dent Assoc*. 2006; 72(10):915.
- 18 - Vieira C, Costa NR. Estratégia profissional e mimetismo empresarial: os planos de saúde odontológicos no Brasil. *Ciênc Saúde Colet*. 2008; 13(5):1579-88.
- 19 - Moysés SJ. A humanização da educação em odontologia. *Pro-Posições/UNICAMP*. 2003; 14(1):40-74.
- 20 - Bastos JRM, Aquilante AG, Almeida BS, Lauris JRP, Bijella VT. Análise do perfil profissional de cirurgiões-dentistas graduados na Faculdade de Odontologia de Bauru-USP entre os anos de 1996 e 2000. *J Appl Oral Sci*. 2003; 11(4):283-9.
- 21 - Casamassimo PS, Seale NS, Ruehs K. General dentists' perceptions of educational and treatment issues affecting access to care for children with special health care needs. *J Dent Educ*. 2004; 68(1):23-8.
- 22 - Oliveira LA, Oliveira CCC, Gonçalves SJR. Impacto de um programa de educação e motivação de higiene oral direcionado a crianças portadoras de necessidades especiais. *Odontol Clín-Científ*. 2004; 3(3):187-92.
- 23 - Hunter ML, Hunter B, Thompson SA, McLaughlin WS. Special care dentistry: attitudes of specialists in paediatric dentistry practising in the UK to the creation of a new specialty. *Int J Paediatr Dent*. 2004; 14(4):246-50.

24 - Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Diretrizes da Política Nacional de Saúde Bucal. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.

25 - Dao LP, Zwetchkenbaum S, Inglehart MR. General dentists and special needs patients: does dental education matter? J Dent Educ. 2005; 69(10):1107-15.

26 - Sherman CM, Anderson RD. Special needs education in Canadian dental school curriculum: is there enough? J Can Dent Assoc. 2010; 76:a11.

27 - Gallagher JE, Fiske J. Special Care Dentistry: a professional challenge. Br Dent J. 2007; 202(10):619-29.

Correspondência para/Reprint request to:

Alina Lúcia Oliveira Barros Correio

Rua Francisco Rabelo Leite Neto, 990, Casa 52

Atalaia - Aracaju - Sergipe

Cep.: 49037-240

E-mail: alina.barros@terra.com.br

Recebido em: 9-12-2012

Aceito em: 4-5-2013